
Saúde mental e psicologia

Michel Foucault

Arqueologia do saber

O encontro com a realidade impede com que a filosofia se transforme numa “perpétua reduplicação dela própria, em um comentário infinito de seus próprios textos e sem relação a nenhuma exterioridade” (Ditos e Escritos, p. 245).

E se o confronto com a realidade é fundamento da filosofia, “a filosofia não é nem histórica nem logicamente fundadora de conhecimento; mas que existem condições e regras de formação do saber às quais o discurso encontra-se submetido a cada época, assim como qualquer outra forma de discurso de pretensão racional” (Ditos e Escritos, p. 246).

Daí a afirmação de Foucault acerca de um “inconsciente do saber que tem suas formas e suas regras específicas” (Ditos e Escritos, p. 246).

Arqueologia do Saber

A arqueologia do saber é “anterior [a priori, universal e necessária em relação], às palavras, às percepções e aos gestos; (...) mais sólida, mais arcaica, menos duvidosa, sempre mais ‘verdadeira’ que as teorias que lhe tentam dar uma forma explícita, uma explicação exaustiva, um fundamento filosófico” (As palavras e as coisas, p. VIII. Colchetes meus).

Isso quer então dizer que não sabemos para *qual lugar* vai a racionalidade. Podemos conhecê-la apenas retrospectivamente.

Arqueologia do Saber

“O que se quer trazer à luz é o campo epistemológico, a episteme onde os conhecimentos, encarados fora de qualquer critério referente a seu valor racional ou a suas formas objetivas, enraízam sua positividade e manifestam assim uma história que não é a de sua perfeição crescente, mas, antes, a de suas condições de possibilidade; neste relato, o que deve aparecer são, no espaço do saber, as configurações que deram lugar às formas diversas do conhecimento empírico. Mais que de uma história no sentido tradicional da palavra, trata-se de uma arqueologia” (As palavras e as coisas, p. XIX).

Genealogia do poder

“Em toda sociedade, a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (A ordem do discurso, p. 8-9).

Razão, poder e loucura

“O homem só se transformou em uma ‘espécie psicológizável’ a partir do momento em que sua relação à loucura permitiu uma psicologia”
(Doença mental e psicologia, p. 84).

Razão, poder e loucura

“Na Idade Média, e depois no Renascimento, a loucura está presente no horizonte social como um fato estético ou cotidiano; depois, no século XVII – a partir da internação – a loucura atravessa um período de silêncio, de exclusão. Ela perdeu essa função de manifestação, de revelação que ela tinha na época de Shakespeare e de Cervantes” (Loucura, literatura, sociedade, p.163).

Razão, poder e loucura

“Nunca a psicologia poderá dizer a verdade sobre a loucura, já que é esta que detém a verdade da psicologia” (Doença mental e psicologia, p. 85).

Medicina orgânica e medicina mental

“Duas questões se colocam: sob que condições pode-se falar de doença no domínio psicológico? Que relações podem definir-se entre os fatos da patologia mental e os da patologia orgânica?” (Doença mental e psicologia, p. 7).

Medicina orgânica e medicina mental

Sintomatologia: grupos de signos que denotam a existência de estruturas mórbidas.

Nosografia: formas e padrões próprios das estruturas mórbidas.

Nesse caso, considera-se a doença como “essência natural manifestada por sintomas específicos” (Doença mental e psicologia, p. 13).

Medicina orgânica e medicina mental

“Postula-se, inicialmente, que a doença é uma essência, uma entidade específica indicada pelos sintomas que a manifestam, mas anterior a eles, e de um certo modo independente deles; descrever-se-á um fundo esquizofrênico oculto sob sintomas obsessivos; falar-se-á de delírios camuflados; supor-se-á a entidade de uma loucura maníaco-depressiva por detrás de uma crise maníaca ou de um episódio depressivo. Ao lado deste preconceito de essência, e como para compensar a abstração em que ele implica, há um postulado naturalista, que considera a doença como uma espécie botânica (Doença mental e psicologia, p. 12-13).

Medicina orgânica e medicina mental

Para um autor como Goldstein, no entanto, “em vez de ser uma essência fisiológica ou psicológica, é uma reação geral do indivíduo [em relação ao meio] tomado na sua totalidade psicológica ou fisiológica” (Doença mental e Psicologia, p. 16. Colchetes meus).

Dessa perspectiva, o que se transforma, com certa experiência mental ou orgânica, é certa relação com o meio, determinado estilo de vida. Nesse sentido, doença é deixar de ser possível certa atitude/estilo em relação ao meio (o mundo).

Medicina orgânica e medicina mental

“[Goldstein] Mostra que uma lesão cortical pós-traumática pode modificar o estilo das respostas do indivíduo a seu meio; um dano funcional limita as possibilidades de adaptação do organismo e suprime do comportamento a eventualidade de certas atitudes. Quando um afásico não pode nomear um objeto que lhe é mostrado, apesar de poder reclamá-lo, se dele necessita, não é por causa de um déficit (supressão orgânica ou psicológica), **que se poderia descrever como uma realidade em si** [como se a fisiologia esgotasse a realidade]; é que ele não é mais capaz de uma certa atitude face ao mundo [esse *querer* vem antes do déficit, de modo que só percebemos o déficit porquanto *queremos* o que o déficit agora impede]” (Doença mental e psicologia, p. 16. Colchetes e grifos meus).

Medicina orgânica e medicina mental

Natureza, cultura e a impossibilidade de aproximar a saúde mental e a orgânica; nem mesmo nessa vertente de Goldstein e Canguilhem. Três aspectos em que a distinção entre natureza e a cultura o demonstra.

- 1) Abstração
 - 2) O normal e o patológico
 - 3) O doente e o meio
-

Medicina orgânica e medicina mental

- 1) “Ora, a psicologia nunca pôde oferecer à psiquiatria o que a fisiologia deu à medicina: o instrumento de análise que, delimitando o distúrbio, permitisse encarar a relação funcional deste dano ao conjunto da personalidade. De fato, a coerência de uma vida psicológica parece assegurada de maneira diversa que não a coesão do organismo” (Doença mental e psicologia, p. 17).
-

Medicina orgânica e medicina mental

2) “A medicina viu esfumar-se progressivamente a linha de separação entre os fatos patológicos e os normais: ou melhor, ela apreendeu mais claramente que os quadros clínicos não eram uma coleção de fatos anormais, de "monstros" fisiológicos, mas sim constituídos em parte pelos mecanismos normais [variações quantitativas e não qualitativas do estado normal, outro modo de dizer que existe um estado NORMAL] e as reações adaptativas de um organismo funcionando segundo sua norma (...) Em psiquiatria, ao contrário, a noção de personalidade [cada um tem a sua, cada um é um EU] torna singularmente difícil a distinção entre o normal e o patológico”. (Doença mental e psicologia, p. 18 e 19. Colchetes meus).

Medicina orgânica e medicina mental

3) “A noção de totalidade orgânica (...) permite isolar na sua originalidade mórbida, e determinar o caráter próprio de suas determinações patológicas. Do lado da patologia mental, a realidade do doente não permite uma abstração semelhante e cada individualidade mórbida deve ser entendida através das práticas do meio a seu respeito” (Doença mental e psicologia, p. 19).

Medicina orgânica e medicina mental

“Gostaríamos de mostrar que a raiz da patologia mental não deve ser procurada em uma "metapatologia" qualquer, mas numa certa relação, historicamente situada, entre o homem e o homem [que então se considera] louco e o homem [que então se considera] verdadeiro.” (Doença mental e psicologia, p. 8).

Loucura e cultura

“Boutroux dizia, no seu vocabulário, que as leis psicológicas, mesmo as mais gerais, são relativas a uma "fase da humanidade". Um fato tornou-se, há muito tempo, o lugar comum da sociologia e da patologia mental: a doença só tem realidade e valor de doença no interior de uma cultura que a reconhece como tal. A doente de Janet que tinha visões e apresentava estigmas, teria sido, sob outras condições, uma mística visionária e taumaturga [milagreira]” (Doença mental e psicologia, p. 71. Colchetes meus).

Loucura e cultura

“Se Durkheim e os psicólogos americanos fizeram do desvio e do afastamento [em relação ao que uma determinada sociedade considera como normal] a própria natureza da doença, é, sem dúvida, por uma ilusão cultural que lhes é comum: nossa sociedade não quer reconhecer-se no doente que ela persegue ou que encerra; no instante mesmo que ela diagnostica a doença, exclui o doente. As análises de nossos psicólogos e sociólogos, que fazem do doente um desviado e que procuram a origem do mórbido no anormal, são, então, antes de tudo, uma projeção de temas culturais [a doença mental, mesmo a desrazão e o inteiramente Outro, como o que queremos excluir. Lembremos: o relativismo é o último refúgio do objetivismo, isto é, do não comprometimento]. Na realidade, uma sociedade se exprime positivamente [ela está implicada] nas doenças mentais que manifestam seus membros [ou seja, a doença mental não existe em si mesma, e o relativismo, a incomensurabilidade entre as culturas, é uma última forma de não encarar a vontade de verdade como indeterminação, a que clama então por interpretação e responsabilização]; e isto qualquer que seja o status que ela dá a estas formas mórbidas: que os coloca no centro de sua vida religiosa como é frequentemente o caso dos primitivos, ou que procura expatriá-los situando-os no exterior da vida social, como faz nossa cultura” (Doença mental e psicologia. p. 74. Colchetes meus).

Loucura e cultura

“Duas questões se colocam então: como chegou nossa cultura a dar à doença o sentido do desvio, e ao doente um status que o exclui? E como, apesar disso, nossa sociedade exprime-se nas formas mórbidas nas quais recusa reconhecer-se?” (Doença mental e psicologia. p. 74).

Fases da carreira de Foucault

Textos mais arqueológicos: “História da Loucura” (1961), “Nascimento da Clínica” (1963), “As palavras e as coisas” (1966), “Arqueologia do saber” (1969).

Textos mais genealógicos: “Vigiar e Punir” (1974), “História da sexualidade” (“Vontade de saber”, 1976; “O uso dos prazeres”, 1984; “O cuidado de si”, 1984). E muitos cursos, os quais depois foram publicados em formato de livro (tais como “O Poder psiquiátrico”, “Os anormais”, “Segurança, Território e População”).
